

# Diversão & Arte

Fotos: Divulgação/Thoyane Fulni-ô Kakayurá - Divulgação/Thoyane Fulni-ô Kakayurá - Divulgação/Raissa Azeredo



Heloísa embala a aldeia Kariri-Xocó com composições em português e na língua tradicional



Lappa Yawalapiti traz ritmos como o reggae para a língua aruaque

ARTISTAS DE MÚLTIPLAS ETNIAS SE EXPRESSAM EM DIFERENTES LÍNGUAS NATIVAS E RITMOS QUE VÃO DO FORRÓ AO REGGAE



Thulnifowá Fulni-ô usa a música para disseminar conhecimento do seu povo

## OS SONS DA MÚSICA INDÍGENA

» GABRIELLA BRAZ  
» LUIS FELYPE RODRIGUES

A música para os povos indígenas brasileiros carrega a missão de manter tradições vivas, mas não se resume a isso. Dos cânticos tradicionais com maracás a ritmos modernos e bases eletrônicas, artistas de diferentes etnias vão às plataformas digitais para mostrar a versatilidade da música indígena. Além de levarem as línguas nativas, algumas que chegaram até mesmo a serem proibidas no passado, para outros espaços, as composições são uma forma de os músicos se expressarem sobre temas importantes, como a preservação dos recursos naturais.

Na XVI Aldeia Multiétnica, na Chapada dos Veadeiros, talentos de vários povos comandaram o show e dividiram o palco com o cantor Zeca Baleiro, mas essa parceria começou bem antes.

O produtor musical André Magalhães é um dos responsáveis por orientar os jovens talentos. Ele conta que a aproximação com os músicos começou em 2019, quando ocorreu a Orquestra Multiétnica. “Não foi uma escolha e sim um encontro”, conta.

Atualmente, ele segue em contato com os participantes, além de visitar as próprias aldeias para conhecer mais sobre os ritmos e composições, trabalho que exerce há cerca de 30 anos. Para André, a música indígena

pode ser exemplificada por uma palavra principal: diversidade. Tem rap, reggae, cantos tradicionais e hits, como os do músico Towe Fulni-ô, que embalam as noites com violão em volta da fogueira.

Com o suporte profissional, o produtor quer incentivar os artistas cada vez mais a gravar e lançar suas composições. Um dos frutos desse trabalho foi o lançamento da cantora Tainara Takua, da etnia Guarani Mbyá, que está no Spotify com o álbum *Cantos sagrados guarani*.

### Heloísa Tukue Kariri Xocó

Artista alagoana do povo Kariri Xocó, Heloísa Tukue traz, na música, elementos do Nordeste brasileiro e da cultura indígena misturados em diferentes ritmos. No samba, no forró e em variados estilos musicais, Heloísa exibe uma voz potente e uma presença cativante.

“A minha Aldeia é muito musical, a gente trabalha muito com a música, tudo que a gente vai fazer a gente gosta de estar cantando”, conta. Na tristeza, na alegria, nascimento, aniversário, no que for”.

As composições da artista vão do português até o Dzubukuá Kipeá, língua nativa dos Kariri-Xocó que foi por muitos anos proibida pelos jesuítas. Agora, a cantora é figura-chave no processo de retomada da língua mãe do seu povo.

Toda vez que a jovem se apresenta, é uma festa na aldeia. Tukue destaca que o apoio da comunidade é essencial. “Nosso trabalho na cultura também é levar o nome da aldeia nas

costas, para representar o nosso povo por meio das canções”, afirma.

No Instagram, Heloísa conta com mais de 40 mil seguidores, com quem compartilha a rotina, o trabalho no artesanato e a música. Composições originais como *Pisa na roseirinha* também aparecem no YouTube da cantora, com participações especiais de mulheres e crianças da aldeia. Agora, ela vai em busca da nova meta: gravar as canções originais. “Fico só escrevendo no papel para depois postar e divulgar”, conta.

### Thulnifowá Fulni-ô

Lappa é um multitalento do povo Yawalapiti, do Alto Xingu. Cantor, compositor, arquiteto de casas da aldeia, lutador de huka huka – esporte tradicional xinguanu – e ativista.

O despertar de Lappa para a música veio em 2010, no Encontro de Culturas, no Vale da Lua, na Chapada dos Veadeiros. Fã de Bob Marley, ele juntou os novos aprendizados, a influência do reggae, a língua aruaque, falada pelos Yawalapiti, e juntou tudo em um estilo único e cheio de identidade.

“Aí teve aquela polêmica, eu não podia cantar na língua porque eu estava quebrando a tradição indígena xinguanu, os caciques não aceitaram”, relembra. “Eu fui o primeiro a levar a música diferente dentro do Xingu, agora todo mundo já tem músicas, tem rap, tem forró”.

Com composições autorais em aruaque, ele cria sonoridades com base eletrônica e compõe sobre temas como preservação ambiental. Lappa Amarú tem um EP e singles no Spotify. Em 2023, ele lançou o clipe de *Cunha Meré Nopotariter Myran Wana*, gravado na Aldeia Multiétnica.